

Interpretação boa é o paciente que dá!

Estanislau Alves da Silva Filho

‘DE TEMPOS EM TEMPOS É IMPORTANTE examinar os princípios básicos da técnica psicanalítica e tentar reavaliar a importância dos diversos elementos que a técnica clássica abrange. Há de se convir que, de modo geral, uma parte importante dessa técnica é a interpretação, e é meu intuito aqui estudar uma vez mais essa parte específica do que fazemos’. É mais ou menos assim que o analista inglês Donald Winnicott inicia seu texto “A interpretação na Psicanálise”, datado de 19 de fevereiro de 1968. E cá estamos nós, uma vez mais, estudando o mesmo tema. Vejamos o que alguns circunstâncias abstratos e apropriados, auxiliados por certos reflexos estrangeiros e extemporâneos, podem nos trazer.

Decodificação, tradução, explicação, elucidação, significação. São todas variações da interpretação tal como ela foi entendida durante muito tempo – e talvez ainda seja em tantos momentos. Freud, de fato, a retratou inicialmente como a descoberta do conteúdo latente, seguindo uma postura um tanto detetivesca, espírito de sua época. E mesmo anos e anos depois, homens da envergadura de um Lacan ainda ofereciam alimento a este tipo de entendimento:

Qualquer experiência analítica é uma experiência de significação. [...] – o sujeito descobre por intermédio da análise sua verdade, ou seja, a significação que, em seu destino particular, adquirem estes dados que lhe são próprios e que se pode denominar seu quinhão (LACAN, 1987, p. 406).

Não seria sem razões que a fama exegética da nossa mais famosa ferramenta analítica bem poderia nos perseguir por mais uns bons anos. E haja competência animada, para responder a tantos Deleuzes e Derridas, críticos da interpretação de sentido, que poderão surgir. Mas, e isso é certo, a tendência

a considerar a possibilidade de uma representação possível do impossível é algo bastante disperso, se não absolutamente espalhado, na cultura humana. Na escola inglesa de Psicanálise, por exemplo, isso até adquiriu uma proporção bem intensa, resultando tanto em debates interessantes quanto em procedimentos analíticos bem menos instigantes, como a famosamente infame ‘técnica de tradução simultânea’ do inconsciente. Uma ilustração curiosa de ambas as coisas, encarnada pelo próprio Winnicott acima mencionado – e em tão genuíno tom britânico de fina ironia –, pode ser conferida em uma de suas correspondências a Meltzer, eminente representante da escola kleiniana:

Acho que concordará comigo que só é possível fazer interpretações longas como as suas sob condições especiais, e quando o paciente tem um Q.I. alto. É uma pena que o tipo de apresentação que o senhor ofereceu na noite passada faça as pessoas acharem que os seguidores da sra. Klein falam mais do que os pacientes deles. Talvez eles realmente falem mais do que outros analistas, e eu gostaria muito de ter informações a respeito. No relato de um caso, porém, se um analista faz uma interpretação muito longa, o ouvinte fica com a impressão de que o analista está conversando consigo mesmo em vez de fazê-lo com o paciente (WINNICOTT, 2005, p. 152).

O conteúdo, a forma (o tom de voz do analista e todo o seu jeito), o momento oportuno ou *timing*, a significação, o destino (o que a interpretação virará na mente do paciente); bem como a finalidade e suas respectivas modalidades: compreensiva (o paciente se sente compreendido), integradora (de conteúdos ou ‘partes’ do paciente, sua história, etc.), instigadora (que instiga o paciente a pensar sobre), disruptora (que torna egodistônico o que está egossintônico no paciente), nomeadora (dando nomes a experiências emocionais) e reconstrutora (reparadora de sentimentos e significados); afora delimitações mais específicas como ‘interpretações transferenciais’, ‘interpretações de conteúdo’ (referentes aos impulsos e fantasias inconscientes), ‘interpretações das resistências’, ‘interpretações diretas’ (baseadas no conhecimento que o analista tem do simbolismo, sem referência às associações do paciente), ‘interpretações corretas’ (exatas quanto ao ‘material’ e quanto ao momento), ‘interpretações prematuras’ (que são ‘verda-

deiras', mas comunicadas antes que pudessem fazer sentido ao paciente), 'interpretações mutativas' (que alteram o paciente), etc. [aconteceu inclusive de se dizer que todas as intervenções dos analistas fossem interpretações, incluindo simples confrontações ou meros apontamentos]; tudo isso foi alvo de dedicado estudo ao longo dos anos daquela e de outras escolas analíticas, como a americana, formando-se um imenso arcabouço, quase que itinerário, de como proceder e onde e como andar, através das várias camadas labirínticas da mente e de suas relações. Não que não se considerassem surpresas e singularidades, mas a montagem classificatória de um mapa da mente e seus funcionamentos foi notória. Não por menos Lacan, pontualmente, quis remendar:

[...] que no uso do material analítico, devemos proceder por camadas - essas camadas das quais, certamente, trazemos no bolso a planta garantida; que assim iremos do superficial para o profundo - nada de carroça adiante dos bois; que, para tanto, o segredo dos mestres é analisar a agressividade - nada de carroça que mate os bois; enfim, eis a dinâmica da angústia e os arcanos de sua economia - que ninguém toque, se não for engenheiro hidráulico especializado, nos potenciais desse mana sublime. Todos esses preceitos, convém dizer, e seus adereços teóricos serão abandonados por nossa atenção, porque são simplesmente macarrônicos (LACAN, 1998, p. 372).

É claro que versões lacanianas de classificação interpretativa também surgiram: (a) a interpretação que significa; (b) a interpretação simbólica, que introduz um significante no discurso; (c) a interpretação descontínua, que desarticula a relação entre dois significantes; e (d) a interpretação que reduz o significante à letra, com a variação: passar da interpretação modal (que inscreve a posição ou a atitude do sujeito em relação ao enunciado, pelo verbo) à interpretação apofântica (dizer particular, que oscila entre a revelação e a asserção, cujos efeitos seriam produzidos pela pontuação, pelo corte, pela alusão, pelo equívoco, pela citação e pelo enigma). Mas ao menos estas versões pareceram respeitar um pouco a ideia de que a interpretação não seria uma certa epifania, referida a alguma verdade (tanto faz se absoluta ou não). Pareceram respeitar a ideia de que não há resistência, por parte do sujeito, ao divã, "[...] que toda análise que fracassa não é por falha do paciente, mas

do analista” (WINNICOTT, 1956, p. 397), que resistência só resiste quando pressionada, ou, mais simplesmente, que “[...] a única resistência verdadeira na análise, é a resistência do analista” (LACAN, 1987, p. 404); sendo que “[...] o analista resiste [justamente] quando não entende com o que ele tem de lidar”, e, precisamente, “[...] não entende com o que ele tem de lidar quando crê que interpretar é mostrar ao sujeito que, o que ele deseja, é tal objeto sexual”, ou qualquer outro objeto objetivo, como se o desejo estivesse “[...] aí, já dado, pronto para ser captado” (LACAN, 1987, p. 287). Pois nesse sentido, haveria o que confessadamente ponderar:

Estarrece-me pensar quanta mudança profunda impedi, ou retardei, em pacientes de certa categoria de classificação pela minha necessidade pessoal de interpretar. [...] Por exemplo, só recentemente me tornei capaz de esperar; e esperar, ainda, pela evolução natural da transferência [...], e evitar romper esse processo natural, pela produção de interpretações (WINNICOTT, 1975, p. 121).

Estando aí o ponto:

Se eu puder fornecer uma descrição correta de uma sessão, o leitor observará que durante longos períodos retenho interpretações e permaneço frequentemente em silêncio. Essa disciplina estrita tem dado bons resultados sempre. [...] com frequência alivio a mente, anotando interpretações que, na realidade, retenho para mim. Minha recompensa por essa retenção surge quando a própria paciente faz a interpretação, uma hora ou duas depois, talvez. (WINNICOTT, 1975, p. 83).

E é isso o que Lacan, na esteira de Freud, soube como colocar: o interpretante é o analisante (‘quem interpreta o sonho é o sonhador’, já dissera Freud na sua *Interpretação dos Sonhos*). Claro, “[...] o interpretador é o analisando. [mas] Isto não quer dizer que o analista não esteja ali para ajudá-lo, para empurrá-lo no sentido de se interpretar” (LACAN, 2012, p. 224). Ele, o analista, cativa e causa a interpretação. Causa a demanda e ferve a transferência, até seu ponto de ebulição. É um fator de manejo, quase que oposto ao costumeiro entendimento de interpretação – só não o sendo, porque dele lança mão,

ainda que numa outra dimensão. Quer dizer, há que se extrair a articulação daquilo que é dito pelo sujeito a quem se dá a palavra, o analisante; há que se ‘distrair’ para não se colher o suficiente do que se ouve do interpretador. Distrair-se não da fala, mas do convite irresistível ao completo do corpo. Não é algo difícil quando se é sabido pelo fato do fracasso do procedimento de restituição do sentido original. Entre o excesso e a carência de um dito, fica clara a superabundância de sentidos possíveis e a falta de interpretação conclusiva. A Psicanálise estará acontecendo quando o sentido dado pelo analisante - já que é ele quem interpreta, por exemplo, o seu sonho -, quando o sentido que apareceu ali associado não tão livremente a outros sentidos, puder retroagir sobre ele, o sujeito, revelando-o, mas mais do que isso, liberando-o da própria cadeia de sentido. Desfaz-se, assim, pela fala o que por ela foi feito, ali, em ato, que pode até mesmo ser de palavra. Quando isto tudo puder ‘des-ser’ um nível, estaremos à altura e à beira do artifício.

Para representar esse efeito que designo pelo objeto *a*, para nos acostumarmos com esse *des-ser* de ser o suporte, o dejetivo, a abjeção a que pode agarrar-se aquilo que, graças a nós, vai nascer de um dizer, um dizer que seja interpretador, convido o analista, para ser digno da transferência, a ter como suporte aquele saber que, por estar no lugar da verdade, pode interrogar-se como tal sobre o que é, desde sempre, a estrutura dos saberes, desde as habilidades [*les savoir-faire*] até o saber da ciência. A partir daí, é claro, interpretamos. Mas quem pode fazê-lo, a não ser aquele que se engaja no dizer e que, do irmão que somos, certamente, vai nos dar a exaltação? (LACAN, 2012, p. 226)

O que nasce de uma análise nasce no nível do sujeito, do sujeito que fala, o analisante, por meio do que o dito objeto *a* lhe propõe, desde a figura de seu analista (LACAN, 2012). Objeto *a* enquanto espaço vazio, na análise, ocupado pelo analista, para preservá-lo vazio, para que a interpretação do intérprete advenha – ou seja recuperada – desde aí, funcionando como o quadrado ausente daqueles quebra-cabeças de deslizar. Se o espaço estiver preenchido, não é possível mexer nenhuma peça. Se o analista souber demais e encarnar o que falta, é o fim do jogo, por impossibilidade de movimentação, por resistência do movimento. Que o analista inspire um deslizamento e um rearranjo é sempre de interesse, mas o que vale é que o próprio espaço vazio de jogo

possa retornar, em pergunta ou emblema, em insuprimível causar – até que o ausente pedaço possa, dessa forma, sustentada, ficar.

DE OUTRO LADO, COM OUTRO FIM

A intervenção sobre a transferência é a interpretação na sua dimensão fundamental de ato, descontinuando-a. Trata-se de um radical ‘Dizer-que-não’, base do dito interpretativo, que, menos do que denúncia, é silêncio, corte e suspensão, em ‘recusa’ aos ditos demandantes de amor, sentido e complemento. Melhor seria dizer em ‘resposta’, por responsabilidade, ao invés de ‘recusa’, já que também não se trata de qualquer dizer da ordem da negação. Ao contrário, ele repercute ‘Um Dizer sozinho’; se a interpretação diz não aos ditos da demanda, desenlaçando, diz sim ao ‘Dizer da demanda’, fazendo aqui um laço. Recusa o oferecido porque não é do que se trata. Não resolve nem soluciona, e mantém o equívoco e o vacilo atordoantes de qualquer sentido. Espera pelo movimento seguinte, sonhando com o singular encontro com o absenso real.

Será que o Um-dizer, por se saber Um-todo-só, fala sozinho? Não há diálogo, disse eu, mas esse não diálogo tem seu limite na interpretação, por meio da qual se garante como no tocante ao número, o real (LACAN, 2003, p. 548).

Mas não há relação com o real. Ele não faz laço, ele não se liga a nada. Eis o fim do laço transferencial e a oportunidade ao enredo do laço sintomático.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LACAN, Jacques. Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘verneinung’ de Freud. In: Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 19: ... ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. Relatório do Seminário 1971-72 – ...ou pior. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WINNICOTT, Donald Woods. **O gesto espontâneo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. Formas clínicas da transferência. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.